

# “Nem Frelimo nem Renamo”

António Marujo

Estamos diante de uma falsa vontade de paz por parte da Renamo e da Frelimo, nomes que serão tidos como malditos quando se ensinar a história do actual período da vida de Moçambique. Palavras — duras — dos Missionários Combonianos, para quem também a hierarquia católica está a ficar desacreditada pelo insucesso das conversações de paz, em Roma.

**M** Público 3/3/90  
Ilhares de pessoas em debandada de Corrane, a 60 quilómetros de Nampula, nos dias 16 e 17 de Fevereiro. “Agora, em toda a área de Corrane não há gente, a Renamo e o exército regular podem levar para a frente as suas inúteis operações de guerra, cada um no seu lado, declarando vitória em nome do povo”.

Sempre neste tom, carregado de uma ironia trágica, os Missionários Combonianos que

trabalham em Moçambique denunciavam aquilo que consideram “uma falsa vontade de paz” da parte dos dois protagonistas da guerra civil moçambicana e das conversações que parece não terem fim.

Num comunicado datado da semana passada, aquela congregação missionária faz o rol das últimas atrocidades contra a população civil: mais de trinta pessoas massacradas, pela Renamo, em Memba, Nampula, no início de Fevereiro; afluxo permanente e contínuo de refugiados; ataques indiscriminados contra as populações civis. Já depois de escrito o texto, segundo soube o PÚBLICO, registaram-se novos ataques da Renamo na zona sul do país — no Maputo e em Inhambane — que provocaram diversos mortos.

Cansados da guerra e cansados de palavras, os religiosos perguntam: “De que conversam em Roma? Dos direitos constitucionais? Da Lei Eleitoral? É em nome e por amor deste povo que a Frelimo e a Renamo se encontram em Roma? A gente diz que não, que do povo não se interessam”. E o povo moçambicano, na expressão dos combonianos, “é do parecer que que nenhum dos dois, nem Frelimo nem Renamo tem o direito

de o representar, que estes nomes serão tidos como malditos quando aos seus filhos for ensinada a história deste período”. Mais: “O povo já sentença que nem Frelimo nem Renamo têm o direito de governar este país”.

## Até à África do Sul

A actualidade do comunicado dos combonianos foi confirmada, ainda na passada sexta-feira, com a notícia de que refugiados moçambicanos teriam sido espancados e alvejados por militares sul-africanos. Citado pela Lusa, o padre Jean Le Scour, secretário da comissão dos bispos católicos para os refugiados, disse ter visto muitas pessoas vítimas daquelas agressões no Hospital de Shongwane, na zona de Kangwane.

Le Scour falava no fim de uma reunião com funcionários governamentais, durante a qual a comissão católica pediu a concessão do estatuto de refugiados aos moçambicanos — que, segundo as estimativas, devem ser cerca de 250 mil, considerados como estrangeiros ilegais e, por isso, sujeitos também à exploração laboral.

Apesar de todas estas movimentações, os Missionários Combonianos pensam que “o

atraso das conversações está a fazer mais uma vítima: a Igreja Católica, desacreditada” pelo insucesso negocial “e por uma campanha enganadora levada a cabo pelo partido Frelimo, onde a ideologia anti-religiosa ainda não morreu”. Apesar da moderação da afirmação, ela pode ler-se como reflexo de um certo mal-estar em relação ao que muitos consideraram um excessivo silêncio da hierarquia católica do país diante dos dois adversários, depois de, no passado, ter produzido vigorosos documentos contra a guerra civil. Chamados para intermediários entre a Frelimo e a Renamo, os responsáveis da Igreja passaram a falar com optimismo do futuro do país.

“Pedimos que se passe quanto antes ao cessar-fogo efectivo”, pedem os Missionários Combonianos — que, já em Março de 1974, depois de escreverem um texto intitulado “Imperativo de Consciência”, viram o Governo português de Marcelo Caetano decidir expulsá-los de Moçambique. Criação de condições para o regresso dos milhões de refugiados, retorno do exército aos quartéis, e integração dos combatentes da Renamo numa “vida mais humana”, são os outros desejos dos missionários. Para um saco roto? ■